



# MULHERES RURAIS

## DESNATURALIZANDO HISTÓRIAS SILENCIADAS

Simone Ribeiro<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem por finalidade apresentar reflexões a partir do projeto transdisciplinar realizado pelo Grupo Educação, Culturas e Sustentabilidade – ECUS da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF): “Memórias de mulheres: mudanças e permanências em processos educativos não escolares – transmissão do patrimônio cultural imaterial em comunidades rurais/quilombolas da Zona da Mata mineira”. Tendo como referência o resgate e a sistematização de conhecimentos/histórias de diferentes gerações de mulheres rurais da zona da mata mineira demos ênfase às questões relacionadas à opressão de gênero

procurando evidenciar como a posição de subalternidade afeta as mulheres. A metodologia adotada foi a História Oral porque entendemos que este é um ramo da historiografia que cuida das dimensões vivas da história: as memórias, dando voz aos sujeitos do cotidiano, que fazem a história mas que, muitas vezes, são negligenciados pela historiografia tradicional. Assim, por meio do ato de rememorar a própria vida, as relações e os lugares, as mulheres trazem questões como: a questão do trabalho como obrigação, as brincadeiras/ensinamentos e atividades distintas para meninas e meninos; e o conflito a partir do momento em que

<sup>1</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, C.A. João XXIII.

estas mulheres desejavam maior liberdade e independência mas que a estrutura patriarcal não lhes permitia. Nosso objetivo foi o de, sobretudo, refletir e evidenciar aspectos que ficam invisibilizados e limitam a sua emancipação. De modo geral, podemos concluir que a história oral como metodologia de trabalho tem possibilitado abordar temáticas pouco acessíveis por meio de outras fontes,

estimulado a discussão interdisciplinar e explicitado um novo modo de fazer ciência, em que a escrita narrativa se faz presente, e na qual os sujeitos pesquisadores e os sujeitos pesquisados alternam-se mutuamente na difícil tarefa de produção do conhecimento.

**Palavras-chave:** História Oral; Mulheres; Relações Sociais de Gênero.

---

## INTRODUÇÃO

O presente artigo traz as reflexões que o Grupo Educação, Culturas e Sustentabilidade - ECUS tem produzido a partir das atividades de extensão e pesquisa que vem sendo desenvolvidas com mulheres em comunidade rurais da zona da mata mineira. Neste artigo, nosso foco são as histórias destas mulheres rurais e as tensões geradas pelas desigualdades nas relações de gênero que se mostram a partir de suas memórias.

As mulheres rurais estão entre os grupos sociais mais silenciados, são pessoas não escutadas porque seus pontos de vista são tidos como não importantes. Caladas, devido a um imaginário social ou status inferior, por serem pobres, mulheres, trabalhadoras do campo. Neste sentido, nosso objetivo é dar visibilidade às memórias, instigando reflexões que desvendem

os conflitos permitindo outras interpretações as suas histórias de vida.

A metodologia escolhida é a História Oral que tem sido utilizada como instrumento de trabalho na extensão e na pesquisa, visando a produção de conhecimentos numa perspectiva de valorização dos sujeitos históricos, resgatando suas memórias, assim como suas identidades individuais e/ou coletivas.

Com isso, ao tangenciar o objeto do artigo, escolhemos traçar um caminho na escrita que conta um pouco da nossa experiência com as temáticas abordadas neste artigo, a saber: o trabalho com a História Oral, as relações de gênero, as práticas educativas escolares e não escolares. Dessa forma, vamos enredando os diálogos com os autores, as entrevistas com as mulheres e as nossas próprias questões / reflexões.

---

## METODOLOGIA

As mulheres a quem nos referimos no presente trabalho, são da zona da mata de Minas Gerais situada na porção sudeste do Estado, na divisa com os Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, abrangendo uma área de 36.021 km<sup>2</sup>. Compreende 143 municípios, dos quais 128 possuem população inferior a 20.000 habitantes. Em que sua economia é baseada na produção agropecuária, onde a agricultura familiar responde por grande parte desta. Tem sido uma região considerada estagnada ou em decadência, de significativo êxodo rural e

expulsora de mão-de-obra, pois a industrialização não se intensificou, à exceção de Juiz de Fora, a maior cidade da região. O patrimônio cultural e ambiental destas comunidades/grupos apresenta-se na atualidade de diversas formas: de manifestações de cantos e danças às culinárias locais/regionais, do conhecimento etnobotânico e etnopedológico às formas de relação homem-natureza, das formas de construção arquitetônicas ao trabalho coletivo em mutirões e “troca-dias” etc. Nesta região se encontram várias comunidades compostas por



famílias de pequenos agricultores familiares. Consideramos as comunidades da agricultura familiar aquelas que, em termos gerais, são compostas por famílias de agricultores e agricultoras que trabalham basicamente com a força do trabalho familiar, em uma pequena propriedade e, ou, em parceria, e que não acumulam sistematicamente excedentes. Desta forma as mulheres entrevistadas nasceram em comunidades rurais nos municípios de Eugenópolis, Miradouro, Olaria e São José dos Lopes da Zona da Mata Mineira. Do município de Eugenópolis, a entrevistada Luceny; de Miradouro Rita; de São José dos Lopes a entrevistada Elisângela e, finalmente, do município de Olaria Carminha.

As memórias de mulheres inseridas em grupos sociais sejam eles étnicos, produtivos, culturais, políticos, entre outros, constroem um conjunto de memórias compartilhadas socializadas pelo seu gênero. O coletivo dessas memórias está marcado por tradições herdadas e memórias individuais, com alguma organização social e uma estrutura dada por códigos culturais compartilhados. (TEDESCHI, 2017)

A História Oral é um ramo da historiografia que cuida das dimensões vivas da história: as memórias. Enxerga-se a sua importância a partir do momento em que se dá voz aos sujeitos do cotidiano, que fazem a história mas que, muitas vezes, são negligenciados pela historiografia tradicional que leva em conta apenas fontes escritas e documentais. Assim, esta se constitui em uma forma de intercâmbio entre a história e as demais ciências sociais (MATOS; SENNA, 2011, p.100). Esta metodologia está intimamente ligada à memória e identidade dos sujeitos; sendo esta individual ou coletiva pois leva em conta a subjetividade e experiências dos indivíduos – o que contribui com mais elementos para o desvelamento da história. A respeito da identidade, Halbwachs (2004, p. 85) afirma que “toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.” Segundo Thompson (1992, p. 44):

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história.

Além de ampliar as possibilidades de análise em campos de estudo pouco explorados. O caminho que percorremos até este momento e as análises realizadas apontam para a potencialidade e diversidade da História Oral, tanto no que diz respeito aos campos de estudo que dela fazem uso quanto às concepções que a embasam. De modo geral, podemos afirmar que, para além das divergências e debates, a História Oral como metodologia de pesquisa possibilita abordar temáticas pouco acessíveis por meio de outras fontes, estimula a discussão interdisciplinar e explicita um novo modo de fazer ciência, em que a escrita narrativa se faz presente, e na qual os sujeitos-pesquisadores e os sujeitos-pesquisados alternam-se mutuamente na difícil tarefa de produção do conhecimento.

Desse modo, afirmamos a importância e a relevância do trabalho com a história de vida de indivíduos negligenciados da seletividade científica da historiografia, trazendo ao domínio social os registros das suas vivências, conhecimentos populares e traduzindo as memórias individuais como parte da história da sociedade, da memória coletiva e por meio da metodologia desenvolvida por meio da História Oral.

Nesse sentido, segundo Aragão, Timm e Kreutz (2013, p.30) “a História Oral está atrelada a processos culturais, sociais e históricos, que são problematizados por meio do diálogo com as experiências dos sujeitos, narrativas estas impregnadas de significações apropriadas ao longo da vida.”

Dada toda essa carga, a História Oral se estrutura a partir de uma série de passos que compõem a metodologia em que, a entrevista individual é o foco central para conseguir alcançar as expressões dos indivíduos por meio de suas memórias. Por isso, deve-se ter como aporte todo um aparato técnico para construção audiovisual, de organização e transcrição das informações adquiridas. Assim, dada a complexidade da metodologia, que inclui modalidades de entrevistas e procedimentos que precisam ser seguidos, esta também envolve o “antes”, o “durante” e o “depois” da entrevista. O momento anterior à entrevista consiste na preparação da equipe, equipamentos de gravação audiovisual, roteiros, termos de autorização do uso das imagens, entre outros. Pudemos constatar a necessidade de uma equipe de apoio além do(a) entrevistador(a) para manusear os equipamentos; microfone, câmera e câmera de apoio – para o caso de um possível imprevisto. Já no momento da entrevista é necessário escolher um local com iluminação e captação de som apropriados; uma vez que esta ocorre em um local de escolhido pelo (a) entrevistado(a), podendo ser até mesmo sua residência – o que contribui para que fique mais confortável ao relatar suas histórias e experiências. Feito isso é o momento de preparar os equipamentos para logo em seguida dar início a entrevista. Esta, diferente de um questionário, consiste em um momento de troca e requer um envolvimento mútuo de ambas as partes, o(a) entrevistador(a) precisa apresentar uma postura respeitosa, interessada e se atentar às histórias relatadas pelo(a) entrevistado(a). Se faz necessário ter sensibilidade para conduzir a

entrevista de maneira que respeite as emoções do(a) entrevistado(a), uma vez que quando tratamos de memória é inevitável que emoções venham à tona.

Vale ressaltar que todo o processo da entrevista é importante porque é o momento de dar voz a sujeitos que muitas vezes não são ouvidos – ainda mais quando se trata de mulheres do campo/quilombolas – onde a figura masculina tem o papel central da vida pública.

O momento posterior à entrevista consiste na organização e compilação do material com o cuidado de preservar as histórias relatadas, além da posterior divulgação deste material. Além de elaborar relatórios, documentos ou até mesmo produzir a partir dos conhecimentos obtidos.

Considerando o potencial da História oral Joan Scott (2008) assinala também que a história das mulheres deve ser escrita a partir de uma lógica de investigação diferente da aplicada na historiografia tradicional. Isso significa reescrever a história sob uma perspectiva feminina, interpretar de maneiras diferentes, reformular a análise histórica e revisar conceitos e métodos existentes com o objetivo de converter as mulheres em sujeitos da história, reconstruir suas vidas em toda sua diversidade e complexidade, mostrando como atuaram e resistiram às circunstâncias impostas. O uso dessa lógica envolve, ainda, inventariar as fontes com as que contamos e dar um sentido diferente ao tempo histórico, destacando o que foi importante na vida das mulheres. Nesse sentido, vale ressaltar que:

O uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas [...] (FERREIRA; AMADO, 2006, p. XIV).

## DISCUSSÃO

### REVIVENDO AS OPRESSÕES DE GÊNERO

Ao focarmos nossos estudos as histórias de vida das mulheres percebemos a forte presença de questões relacionadas ao gênero nas falas das entrevistadas. Dessa maneira objetivou-se analisar quais as particularidades deste grupo, bem como levantar reflexões a partir dos depoimentos relatados. Ressaltamos que esta metodologia, conforme Ferreira, Amado (2006, p.XV):

é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. As soluções explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história. Aí se agrupam conceitos capazes de pensar abstratamente os problemas metodológicos gerados pelo fazer histórico.

Ao incorporarmos o conceito de relações sociais de gênero significa que considerarmos as identidades e os papéis masculinos e femininos como construção histórica e social, sujeita, portanto, à mudança. Essa construção tem uma base material e não apenas ideológica, que se expressa na divisão sexual do trabalho. As relações de gênero são hierárquicas e de poder dos homens sobre as mulheres; por meio dessas relações começamos a apreender o mundo. As relações de gênero estruturam o conjunto das relações sociais; os universos do trabalho, da cultura e da política, e se organizam a partir dos papéis masculinos e femininos. Basicamente, a categoria implica análise em dois níveis integrados: o gênero como elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os dois sexos; e gênero como forma básica de representar relações de poder em que representações dominantes são apresentadas de forma natural e inquestionável. As normatizações da dicotomia feminino-masculino, segundo Scott (1990), transformam a oposição binária do gênero e as relações de poder que engendram em produto de um consenso social, como se fossem eternas, fixas. Assim, se por um lado a valorização das

tradições preconiza o resgate de práticas e formas de produção da vida, um “olhar de gênero” a partir destas práticas e formas de vida exige uma reflexão compartilhada acerca das normas e papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens. (RIBEIRO, 2003).

Nesse aspecto, evidencia-se a importância da História Oral como instrumento a resgatar as dimensões da vida desses sujeitos que impactaram sua construção pessoal. Dessa forma, por meio da representação seletiva do passado, a memória dessas entrevistadas não é somente sua, mas insere-se no contexto familiar, social, nacional.

Considerou-se importante evidenciar o recorte de gênero para a realização da pesquisa uma vez que compreendemos que nas comunidades tradicionais e no campo, a presença do patriarcado é marcante, e que às mulheres é destinada a vida privada e por isso desde cedo seus direitos públicos são cerceados, como o direito à educação escolar. Para isso também tínhamos como objetivo compreender suas relações com o ambiente escolar ou a sua privação de participar deste espaço. Um dos trechos extraídos das entrevistas<sup>2</sup> retrata o descrito:

**Entrevistada:** Aquela bicicleta quando chegou foi uma novidade muito grande e naquela época os irmãos não gostavam de ensinar a gente a fazer as coisas, o sistema era muito esquisito, aí eu pegava aquela bicicleta escondido e saía, um dia eu enfiei no meio do canavial, e eu achei que já tinha aprendido. E eu pensei “eu hoje aprendi a andar de bicicleta mesmo sozinha”

As histórias relatadas pelas mulheres entrevistadas possuem pontos em comum como a relação de identidade e trabalho com a terra na comunidade onde moravam durante a infância, da divisão sexual do trabalho e até o ponto em que elas foram perdendo o espaço da vida pública, para construir e cuidar da sua própria família – o que na maioria dos casos ocorreu muito cedo. Aos poucos foram deixando também o ambiente escolar para ocuparem o espaço “do lar” e afazeres domésticos. O que fica claro na seguinte fala:

<sup>2</sup> Optamos neste artigo por inserir literalmente as memórias das mulheres para que a força de suas falas permita a reflexão sobre as tensões enfrentadas. Mais do que analisar em uma perspectiva teórica as influências das relações de gênero na construção das memórias.



**Entrevistador:** Você tocou numa outra coisa que eu achei muito interessante, você falou que tinham essas brincadeiras e que desde cedo vocês trabalhavam, tinham suas responsabilidades. Quais eram essas suas responsabilidades, as diferenças de responsabilidade, por exemplo: os meninos e as meninas faziam trabalhos diferentes? Quem ensinou vocês essas responsabilidades?

**Entrevistada:** foi a mãe e o pai que ensinou. Hoje a gente mudou um pouco a forma de pensar e até de ensinar os meninos. Por exemplo: quando eu fui criança a mãe ensinava a gente a fazer as coisas de menina “quando você crescer vai casar”. E os meninos já era diferente: o pai já levava para a roça e até nessa época, não usava o menino lavar o seu prato, a menina que tinha que lavar o prato e às vezes até a roupa para ajudar no banho era a menina que ajudava a pegar, era tudo assim.

Nos relataram que começaram a trabalhar muito cedo, tanto em casa quanto na lida no campo ou até mesmo em outras casas para complementar a renda familiar, e que receberam todo o ensinamento de suas mães que lhes ensinavam as “coisas de meninas” para que pudessem casar e serem boas donas de casa. Pudemos observar que em um certo momento, mesmo sendo ensinadas à lida no campo quando crianças, passaram a deixar esses espaços para se dedicarem a essas funções “femininas” da vida privada. E que em alguns casos, quando havia uma tentativa por parte delas de maior participação e envolvimento na vida pública ou na tentativa de serem mais “independentes”, havia certa dificuldade por pertencerem às categorias de “mulheres”:

**Entrevistador:** você falou algumas vezes do seu trabalho com os movimentos sociais hoje, me fala um pouquinho dessas suas atividades.

**Entrevistada:** eu tenho uma história muito bacana, que meu esposo, no início, até uns 4-5 anos, não concordava muito não. Eu saía e ele ficava uma semana de cara feia e quando ele voltava as boas eu já tava começando a ter outro para sair. Ai foi aquela luta “eu tenho que manter a minha família e eu tenho que ir pros encontros”, até que um dia eu chamei ele, conversei com ele, sabe? Falei que o meu sonho, que além de ser esposa, mãe, mulher, eu queria mais trabalhar com o povo, sabe?

## DOS SABERES ESCOLARES E NÃO ESCOLARES

Podemos citar ainda que suas experiências escolares se deram de maneira similar pelo que descreveram nas entrevistas: estudaram em escolas multisseriadas, em que começavam a partir dos 07 anos de idade e paravam aos 10 anos. Além disso, relatam que as professoras eram muito bravas e severas impondo-lhes inclusive punições físicas quando não decoravam o conteúdo, como a “tabuada”.

**Entrevistadora:** Então, E.A.F.L., a gente queria conhecer um pouco mais da sua vida. A gente queria que você contasse pra gente coisas relativas a sua vida de modo geral. A gente podia começar no tempo em que você era criança. Você podia voltar lá na sua memória e lembrar qual a lembrança mais antiga que você tem de infância.

**Entrevistada:** A minha lembrança mais antiga é do tempo de escola. Que a gente ia a pé e era bem longe, a gente andava uma hora e meia mais ou menos a pé. Ia eu, minha irmã – que era mais velha que eu dois anos- e mais dois irmãos. Ai com o tempo, a gente começou a estudar, naquela época os professor era muito exigente, minha professora era uma pessoa muito explosiva, sabe? Ela pegava e quando a gente chegava um pouquinho atrasado ela já vinha dando aqueles grito: “Por que vocês chegaram atrasados, não vai entrar!”, “Não, a gente mora longe, a senhora tem que entender”.

Elas relatam que percorriam grandes distâncias até a escola, com alguns obstáculos e perigos pelo caminho, algumas delas mencionam ter de caminhar por duas horas. Relatam a estrutura simples da escola, a falta de recursos como merendas e também de recursos humanos que muitas vezes só havia a professora para ministrar as aulas e preparar a alimentação dos alunos. Apesar das dificuldades nos relataram que seus pais as incentivaram a estudar e elas mesmas viam os estudos como uma possibilidade de “ser alguém na vida”. Como se percebe no trecho da entrevista transcrita pelo grupo:

**Entrevistadora:** você já falou um pouco disso, como foi a ida dos meninos pra escola, porque você tinha tido uma relação com a escola, com a professora que era durona, né?



Como foi a relação deles na escola, que diferenças você viu nas professoras, na estrutura da escola, como foi isso?

**Entrevistada:** a estrutura da escola era um quadro pras quatro séries, ela dividia. Ela, tinha vez que ela mesma fazia merenda. Quando os alunos aumentavam ela dava aula na parte da manhã e na parte da tarde, somente ela, né, era só um encarregado. A gente tinha até que dar o desconto, mas mesmo assim, ela era muito, muito brava, meus irmãos não gostavam muito da escola não e não gostavam que a gente ia com eles.

O fato se repete em outra entrevista:

**Entrevistadora:** Você falou sobre a... Dois momentos você fala sobre a... Sempre o seu desejo de estudar né, aí uma pergunta como que foi essa sua inserção na escola? Como que se deu a sua entrada na escola?

**Entrevistada:** Eu entrei com 7 anos na escola, e na época foi a época em que a gente pegou os professores muito severos. Foi na época que a gente apanhava na escola, mas toda vida eu dei muita sorte: eu nunca apanhei porque eu era a menorzinha.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das histórias e memórias relatadas, pudemos perceber o quanto a dimensão da identidade com a terra e comunidade local é importante para essas mulheres, pois além de ser o local onde cresceram, também foi onde foram educadas, onde suas identidades foram estabelecidas e não é possível separar de quem são hoje.

Ao utilizarmos essa metodologia desvelamos histórias de vida, experiências, memórias. Demos voz à mulheres que possuem grande importância e influência em seus grupos, comunidades mas que muitas vezes são invisíveis ao saber acadêmico e intelectual;

possuem uma infinidade de outros saberes, de humanidade e histórias de vida e isso pode ser evidenciado quando demos enfoque as opressões de gênero, mesmo quando sucintas, relatadas pelas entrevistadas.

Nesta direção a história oral enquanto método e instrumento de construção de uma nova história, possibilita a valorização das experiências das mulheres mediante uma nova forma de abordar a história, revisando modelos de significação que estavam impregnados em todos os grupos sociais e visibilizando os fatores que silenciaram as mulheres na história.



## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ARAGÃO, Milena; TIMM, Jordana Wruck; KREUTZ, Lúcio: A história oral e suas contribuições para o estudo das culturas escolares. In : **Conjectura**: Filos. Educ., Caxias do Sul, v.18, n.2, p. 28-41, maio/ago. 2013

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA; Adriana Kivanski de. **História Oral como fonte**: problemas e métodos. *Historiae*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres**. Dourados-MS : UFGD, 2014. 63 p.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os lugares da História Oral e da Memória nos Estudos de Gênero. **OPSIS**, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 330-343, dez. 2015. ISSN 2177-5648. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/33931>>. Acesso em: 02 ago. 2017. Doi: <<https://doi.org/10.5216/o.v15i2.33931>>.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

